

# Inscrições Digitais

encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias

**Daniel Abs (Org.)**

# Inscrições Digitais

encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias

**Daniel Abs**

Organização

**Grupo de Pesquisa Contextos Digitais**

[ufrgs.br/contextosdigitais](http://ufrgs.br/contextosdigitais)



UFRGS, Porto Alegre, outubro de 2023

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Escola de Administração  
Grupo de Pesquisa Contextos Digitais

## **Organização**

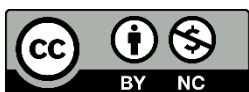
Daniel Abs

## **Autores**

Alexandre Rocha da Silva – Carlise Scalamato Duarte – Daniel Abs

Ieda Rhoden – Ione Bentz – Lucia dos Santos Garcia

Nísia Martins do Rosário – Simone Bicca Charczuk – Vilene Moehlecke



Publicado sob licença

Creative Commons Atribuição – Não Comercial CC BY-NC 4.0

© dos autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca da Escola de Administração/UFRGS)

---

I591 Inscrições digitais : encontros entre linguagens, trabalho e tecnologias [recurso eletrônico]  
/ Organização Daniel Abs. – Porto Alegre: UFRGS. Grupo de Pesquisa Contextos  
Digitais e Desenvolvimento Humano, 2023.  
188 p. : il., digital.

ISBN 978-65-00-83341-6

1. Contexto digital. 2. Trabalho e tecnologia. 3. Psicologia social. I. Título  
II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Grupo de Pesquisa Contextos Digitais e  
Desenvolvimento Humano. III. Abs, Daniel (Org.).

CDU: 316.6

---

# A “mania” de ser professor e o tempo pandêmico

Simone Bicca Charczuk

Antes de iniciar essa exposição, gostaria de contextualizar o convite que recebi para estar aqui com vocês. Daniel vem insistindo para que eu participe há algum tempo em algum encontro do grupo, mas sempre ocorre alguma coisa que impede minha presença. Então, há alguns dias, compartilhei com ele uma ideia que tive para um evento do qual pretendo participar. Preciso inscrever-me neste evento pois faz parte do meu trabalho no grupo de pesquisa em psicanálise e educação. Então, é preciso apresentar um trabalho. No entanto, tem sido difícil pensar e escrever durante este período pandêmico. Surgiram algumas ideias e eu as enviei para o Daniel perguntando: "O que você acha desse título e dessa problemática?". Em seguida, ele começou a fazer algumas provocações e surgiu a ideia de conversarmos hoje aqui. Tenho a expectativa de que a partilha de minhas reflexões e a conversa com vocês me ajude na elaboração do texto para o evento!

Embora seja um debate inicial, confesso que estava receosa. Como apresentaria algo se ainda não possuo uma construção concreta a respeito, se ainda não tenho estabelecido um processo de raciocínio mais elaborado? Apesar desta minha insegurança, aceitei o desafio. É mais confortável quando estamos em um espaço familiar, como uma sala de aula ou com um grupo mais conhecido. Mesmo havendo pessoas conhecidas aqui, ser convidada a falar em um espaço novo é diferente de

uma aula e causa sempre desassossego. Acho que nos colocamos de forma diferente e isso também tem a ver com o que espero que possamos conversar hoje.

Uma das coisas que vem provocando minhas reflexões acerca do ensinar e aprender, em especial, nesse tempo pandêmico, foi um vídeo que vi nas redes sociais de um aluno conversando com sua professora durante as aulas remotas. Talvez alguns de vocês possam ter visto esse vídeo. Nele, o menino compara o auxílio que recebe da mãe e o suporte que a professora produz ao ensinar. Diz que é muito difícil aprender com a mãe, porque sua “mania”, sua “especialidade” é cozinhar. Quem tem “mania” de ensinar é a professora.

Isso me levou à pergunta: "O que define, afinal, ser professor?". O menino diz à professora: "Você tem mania de ensinar, minha mãe tem mania de cozinhar". Então, o que é essa "mania" de ser professor? O que define e caracteriza ser professor? Fiquei pensando nisso. O que é essa "mania"? O que caracteriza essa "mania" de ser cozinheiro? Ou ser psicólogo? Ou ser administrador? Cada um de nós tem uma "mania" que nos define como profissionais da área que escolhemos para nos formar e trabalhar.

A questão que se segue é: como sustentamos essa "mania" de ensinar, considerando a necessidade de não estarmos juntos fisicamente? Historicamente, temos o espaço da escola como o local onde exercemos essa "mania". Claro, existem alternativas de educação à distância, mas isso ainda é muito novo e não está disponível para todos. Portanto, é necessário pensar e, mais do que isso, é uma realidade. Nas nossas redes de ensino, encontramos várias manifestações de professores e alunos

falando sobre essa experiência de encontrar-se em um espaço educativo diferente, que não é a escola.

A maioria dos relatos que acompanhei, tanto de professores quanto de alunos do ensino fundamental e médio, fala de uma dificuldade enorme em se apropriar desse espaço e de um grande desconforto causado por ele. Isso também tem ocorrido no ensino superior. Mas penso que os relatos do ensino fundamental e médio tocam mais nesse aspecto, questionando como a mudança de encontro, que ocorre em um espaço diferente do físico da escola, tem causado desconforto, estranhamento e até mesmo uma certa recusa ao processo de aprendizagem.

Essas duas questões são as que me ocupam mais: o que define ser professor e, mais especificamente, como sustentar esse papel quando temos a necessidade de distanciamento físico. Por isso, defini alguns pontos para tentar dar possíveis respostas a essas perguntas. Parto primeiro do conceito de educação, volto aos fundamentos. Muitas vezes a discussão fica invertida, as pessoas querem lidar principalmente com a relação com a tecnologia ou com a ausência do espaço da sala de aula.

Antes de pensarmos sobre a viabilidade didática do processo de ensino-aprendizagem, precisamos ter um conceito de educação. O que é educar? Ao nos confrontarmos com isso, percebemos que quando pensamos em contextos de educação, precisamos definir o que é educar.

Podemos fazer isso de uma forma mais informal ou mais conceitual. Pode ser transmitir conhecimento, ensinar algo a alguém que ainda não sabe sobre aquilo, ou compartilhar a experiência. São várias definições que podemos criar sobre o que é educação. Algumas são cotidianas, mas se procurarmos autores que pensam a educação, vamos encontrar várias teorias.

O que estou querendo dizer é que pensar sobre educação não é um pensamento neutro. Ele vai estar próximo de alguns teóricos, quer tenhamos consciência disso ou não. Na pedagogia, começamos falando o que pensamos sobre a educação e tentando aproximar isso das teorias pedagógicas. O mesmo acontece quando pensamos no que é aprendizagem na psicologia. A aprendizagem não é um conceito unívoco, ela tem várias proposições teóricas, vários autores que se ocupam de tentativas de definição.

Muitas vezes as pessoas se precipitam nas técnicas e metodologias, mas não questionam os fundamentos. Então, é importante voltar a eles. No meu caso, eu trabalho a partir da perspectiva da psicanálise. Quando penso no conceito de educação, penso a partir dessa ideia, da filiação do sujeito a uma determinada cultura. Lembro de Lajonquière, que apoia-se em Lacan, e define a educação como a transmissão de marcas de desejo (Lajonquière, 1997). Ou seja, a transmissão daquilo que me funda como sujeito, o que eu consigo compartilhar com o outro no sentido de uma transmissão.

Quando penso na educação como a transmissão de marcas de desejo, a filiação do sujeito em uma determinada cultura, começamos a questionar o que é a função do professor. A psicanálise diz que o ser humano tem uma diferença importante em relação aos outros animais. Enquanto o animal é movido por instintos, o ser humano é um ser de desejo (Jerusalinsky, 1999). Nós criamos nossas "necessidades". Sempre brinco em sala de aula que não temos fome de qualquer coisa, temos fome de pizza, de sushi, de carpaccio. Nós comemos não só para nos alimentar, mas para extrair algo além da simples nutrição.

Então, quando Lajonquière (1997) diz que a educação remete à transmissão de marcas do desejo, ele está se referindo à ideia de que o professor é aquele que compartilha com o outro aquilo que deixou marcas nele, aquilo que ele deseja, a forma como ele lida com os objetos de conhecimento. O que o professor consegue fazer é dar testemunho da forma como ele lida com os objetos. Por exemplo, enquanto estou falando do conceito de educação para a psicanálise, não estou apenas repetindo o que os autores dizem. Eu os menciono, mas faço isso da maneira que consegui pensar sobre o que eles dizem, reformulando e dando testemunho do quê e como aprendi isso com eles.

Vamos percorrer outro exemplo que costumo usar com minhas alunas na pedagogia. É diferente aprender a apreciar e propor uma leitura deleite, aquela leitura que fazemos por prazer, daquela que realizamos ou propomos por uma razão técnica, porque autores dizem que isso é importante. Essa posição que assumimos, mais “técnica” em relação à importância da leitura é muito diferente do que quando realmente gostamos de ler por prazer e compartilhamos isso com as crianças, como nossos alunos. Sempre enfatizo para minhas alunas que as crianças percebem isso. Uma professora que adora ler algo que faz parte de sua infância e compartilha essa leitura com suas crianças, lembrando dos adultos que leram para ela e mostraram o quanto a leitura é importante, fará isso de uma maneira muito diferente daquela professora que apenas entende tecnicamente que a leitura é importante para o desenvolvimento da linguagem da criança. Algumas professoras me perguntam por que as crianças prestam atenção em certas coisas e não em outras. E isso tem a ver com a maneira como falamos sobre o que estamos transmitindo, e nossa relação com isso.



Lembro que, quando eu ministrava aulas de várias disciplinas, não me envolvia com o conteúdo e ensinava todas da mesma maneira. Havia algumas disciplinas que gostava mais de trabalhar do que outras. Os alunos que faziam mais de uma disciplina sabiam que sempre tentava introduzir meus temas favoritos em todas as aulas. Uma aluna uma vez me disse em aula: "Simone, é impressionante como seus olhos brilham quando você fala de psicanálise, mas isso não acontecia quando você falava das outras teorias".

Mas isso não quer dizer que, se você não gosta de ler, não pode realizar uma hora do conto. Eu estou apenas dizendo que sua hora do conto será diferente daquela de alguém que ama ler. Da mesma forma, uma aula de matemática será diferente se ministrada por alguém apaixonado por números e alguém que não é.

A ideia aqui é que podemos ensinar melhor e de forma mais envolvente, produzindo uma marca mais profunda nos outros, quando ensinamos a partir da nossa própria experiência e da forma como nos relacionamos com o assunto. Christian Dunker (2020) tem um jeito interessante de falar disso. De acordo com este autor, “professores disciplinados transmitem disciplina; professores críticos transmitem perguntas; professores amorosos transmitem sua capacidade de amar; e há tantos tipos de professores quantos modos de relacionar desejo e saber” (Dunker, 2020, p. 199). Isso quer dizer que ensinamos algumas coisas melhor do que outras.

Agora, podemos pensar em diálogo com outras teorias. A psicanálise não é a única leitura que podemos ter acerca do conceito de educação e de aprender, ela está em diálogo com outros modelos de aprendizagem, se contrapondo a eles ou entrando em certa sintonia.

Grosso modo, podemos pensar em três modelos conceituais de aprendizagem principais: empiristas, inatistas (ou aprioristas) e interacionistas (Becker, 2001).

O modelo empirista argumenta que o indivíduo se constitui a partir do que o ambiente oferece. O meio é que constitui o sujeito. Já o modelo inatista ou apriorista sugere que o sujeito já nasce com determinadas estruturas cognitivas, habilidades e qualidades que ele vai aprimorar e desenvolver ao longo da vida. As teorias interacionistas, por outro lado, argumentam que nem o sujeito nem o ambiente, isoladamente, determinam a constituição do sujeito. É o encontro do sujeito com o meio.

O essencial é questionar o que importa. O que devemos perguntar quando lemos um autor? É a concepção que ele tem de sujeito e de sociedade. É uma pergunta importante porque nos ajuda a entender e distinguir entre diferentes perspectivas e autores.

As diferenças nas abordagens são essenciais. Nesse sentido, para pensar a relação ensino-aprendizagem de uma forma mais crítica tendemos a nos aproximar das abordagens interacionistas. Entre elas incluo a perspectiva de Piaget, Vygotsky, Wallon (De La Taille, Oliveira e Dantas, 1992) e, também, a psicanálise. O que essas teorias tem em comum é a ideia de que o sujeito não é apenas o produto do seu ambiente, mas um ser em desenvolvimento ao longo da vida. Cada uma dessas teorias e autores apresentam suas especificidades, mas há uma semelhança epistemológica fundamental no conceito de aprendizado que é pensado sempre como depende do outro. Ninguém aprende sozinho. Isso nos permite estabelecer algumas aproximações teóricas, não necessariamente

por terem a mesma concepção de sujeito, mas por compartilharem um fundamento epistemológico semelhante.

Chegando a outro ponto, temos a falsa dicotomia entre presencial e a distância. Muitos debates começam aqui, com opiniões que, às vezes, são nostálgicas e baseadas em experiências passadas, como a suposta superioridade do quadro verde tradicional em relação às ferramentas digitais. Essas discussões costumam se centrar mais no espaço físico do que nos fundamentos do ensino e da aprendizagem. Se queremos resolver a questão do espaço, devemos primeiro perguntar: qual é a minha concepção de ensinar e aprender?

Independentemente do espaço, podemos realizar um trabalho pedagógico, seja enchendo um quadro de informações sem perguntas dos alunos, ou utilizando ferramentas tecnológicas avançadas. O que importa são as abordagens pedagógicas que estamos oferecendo, não a distância ou a presencialidade em si.

Isso não significa que o espaço físico ou o território não importam. O ambiente em que estamos pode nos oferecer diferentes possibilidades de trabalho, mas também limitações. Podemos fazer coisas aqui que seriam difíceis numa sala de aula tradicional com 40 alunos, mas precisamos pensar em como vamos lidar com isso quando as aulas retornarem.

Reenfático, não estou dizendo que o espaço físico não importa, mas não é o elemento definidor. Deve vir depois de outras considerações mais fundamentais. Por exemplo, estava conversando com um colega, novo professor de matemática, que estava preocupado por não conhecer bem a tecnologia. Sugeri que ele primeiro definisse o que é importante

para seus alunos aprenderem e então poderíamos pensar juntos sobre quais recursos seriam necessários para isso.

Em vez de ficar angustiada com a questão da tecnologia, devemos primeiro considerar o que queremos ensinar aos nossos alunos e como queremos ensinar. A partir daí, podemos pensar nos recursos que serão úteis para alcançar nossos objetivos.

Se não resolvermos essa questão, nos sentimos bastante angustiados. Isso tem a ver com a interface. Então, mesmo que não estejamos cara a cara, consigo manter uma conversa com vocês. Se tivermos paciência, conseguimos lidar com a comunicação escrita também.

Agora, se eu fosse uma professora mais instrucionista, empirista, eu apenas forneceria informações durante o nosso bate-papo, traria diversas teorias e textos e sairia da sala. Mas o que realmente me interessa é conversar com vocês, saber o que estão pensando. Portanto, não posso apenas falar ou escrever e não responder aos comentários ou perguntas que vocês fazem.

Voltando à questão da interface, ela pode facilitar ou dificultar. Há a questão do síncrono ou do assíncrono. No síncrono, estamos compartilhando o mesmo espaço, seja ele físico ou virtual, e isso possibilita um diálogo mais imediato. Aqui, vocês podem sinalizar para eu parar e perguntar algo. Já no assíncrono, precisarei esperar suas perguntas para responder, o que traz uma dinâmica diferente. Mas isso não elimina a necessidade e a importância de diálogo se eu me ancorar em uma perspectiva interacionista.

É preciso aprender a lidar com um novo território, um novo espaço. Se, como professores, estamos acostumados com a sala de aula

tradicional, com suas cadeiras e mesas, teremos que aprender a lidar com um novo ambiente. Isso envolve questões práticas, como inserir slides ou apresentações de PowerPoint, e pode exigir uma maior preparação inicial, que pode ser mais cansativa do que o trabalho em uma sala de aula tradicional.

De acordo com a teoria interacionista, o aluno aprende para além e aquém daquilo que é ensinado pelo professor. Não somos os únicos responsáveis pelo processo de aprendizagem. Como educadores, às vezes escapa algo em nossa fala. Apesar de nos atermos a apresentações de PowerPoint, algo sempre escapa.

Muitas vezes, nós professores nos deparamos com o desafio de ensinar a grandes turmas sem recorrer à simples entrega de pacotes prontos de conteúdo. No entanto, acredito que a questão está muito mais na forma como pensamos sobre os modelos de aprendizagem do que no território em si. Precisamos começar a pensar sobre o que nos assusta ou paralisa em relação à mediação da tecnologia digital no processo de aprendizagem.

Em suma, acredito que não devemos cair na falsa dicotomia de que a tecnologia é uma prótese que substitui o professor. Na verdade, a tecnologia é uma ferramenta que facilita ou dificulta, dependendo do contexto. Em relação à aprendizagem, é preciso lembrar que o professor tem uma certa vantagem em relação ao aluno no que diz respeito ao conhecimento tido como acadêmico ou científico, o professor é alguém que percorreu um caminho em torno daquele conteúdo e pode ocupar o lugar de partilhar este conhecimento.

Chega um momento para todos nós, professores, em que nos vemos como guias que vão um pouco à frente dos que seguem depois.

Por exemplo, se eu concluí um curso, posso me candidatar a ensiná-lo. Já percorri aquele caminho e, assim, posso ajudar os que vêm depois. Isso é ainda mais verdadeiro se eu for um professor universitário, pois passei por um processo de formação que me autoriza a ensinar – mesmo que, às vezes, nos custe assumir essa autoridade. O que a tecnologia e os ambientes digitais fazem é inverter essa lógica de forma bastante radical e isso pode assustar, paralisar muitos professores. Muitas vezes, são os alunos que têm algo a ensinar aos professores. E a reação dos professores, muitas vezes, é de medo ou de negação. Não aproveitamos isso como um recurso, mas sim, nos fechamos para ele. Por exemplo, podemos pensar "Ah, não sei como funciona o TikTok". E é verdade, há ambientes digitais que nem sabemos que existem até que um aluno nos apresente a eles. Mas isso não deve nos impedir de aprender.

Há várias maneiras de lidar com isso. Podemos nos fechar para o novo e nos apegar ao que dominamos, mesmo que a ideia de dominar algo seja uma ilusão. Ou podemos nos abrir para o novo e dizer "me mostra como é, me mostra como funciona". Penso que uma das características do trabalho interacionista é exatamente essa. Nos preocupamos em dar conta do semestre letivo, mas ainda não ouvimos muitas ideias dos alunos.

Lembro-me de uma reunião recente sobre o ensino remoto da qual estava participando. Estávamos imersos em uma longa discussão quando me dei conta de que havia um aluno representante na sala. Então, perguntei a ele: "O que vocês estão pensando sobre isso? Como está sendo para vocês?" Aí percebi que estávamos, nós professores, discutindo como se tivéssemos que resolver tudo sozinhos. E os alunos, como estão vendo tudo isso? Talvez uma solução para essa situação seja uma solução

construída em conjunto com os alunos. Isso vale não só para a universidade, mas também para os primeiros anos de escola. Conseguimos criar uma alternativa para que isso possa ser construído de forma mais compartilhada?

Estamos vivendo um momento ímpar, que nos forçou a pensar nessas questões. Talvez não da melhor maneira, pois não estamos tendo tempo para isso. Mas talvez essas reflexões tragam bons frutos no futuro. As soluções que vamos encontrar agora serão um pouco às pressas. Vamos fazer coisas muito estranhas, sem muita reflexão, quase como uma reação à pressão dos acontecimentos. Mas se não perdermos de vista essa provocação legítima e nos dispusermos a pensar em outros modos de entender a educação, talvez esse seja um movimento interessante.

Esses são pensamentos muito iniciais que tenho. Mas a inquietação que surge também fala de um desejo. Surge porque estou nesse lugar de professora, questionando-me sobre essas coisas. Gostaria de compartilhar essas reflexões com vocês e ouvir o que vocês pensam sobre isso. Isso trará novas perguntas, que me farão pensar.

Acredito que ser professor é construir meu testemunho a partir das perguntas que os alunos me fazem. E quando essa possibilidade de ter que pensar seriamente em um modelo mais híbrido, ou mais distante fisicamente, foi colocada na mesa, foi a coisa mais difícil para eu pensar. Como vou dar aula se não estou com alguém me fazendo perguntas ou, enfim, como crio condições para que isso seja possível sem compartilhar o mesmo espaço? Essas perguntas são parte da reflexão que preciso fazer agora para construir respostas também para minha prática docente.

Estive aqui pensando enquanto ouvia vocês, sabe? Alicia Fernández (Fernández, 1990) destacou uma coisa: geralmente, quando o

professor começa a falar de sua prática, o primeiro movimento é o da queixa. A partir dessa queixa, a transformação pode começar a acontecer. Será que essa reação inicial [de queixa em relação ao ensino remoto] não é, de certa forma, um passo necessário para a gente? Agora precisamos desdobrar isso em algo diferente. Estou falando isso de um lugar muito pessoal, pois quando tudo isso começou, minha primeira resposta também foi reativa. Do tipo: "Isso não serve para mim". Justamente quando eu tinha conseguido me apropriar melhor do modelo presencial e me desgarrar um tanto da educação à distância que foi a marca inicial na minha carreira docente, parece que tenho que voltar para esse cenário novamente. Então, penso que essa reação inicial, essa queixa, é muito comum, principalmente diante do desconhecido, ou de algo que a gente não quer reviver.

Só porque a gente é analisado não significa que vamos nos livrar desse movimento. O professor, quando fala, se queixa, é algo comum. E talvez essa queixa seja a primeira manifestação de algo, o primeiro indício de que algo está errado, que desacomoda. Claro, uma reação defensiva pode ser problemática, porque é um mecanismo de defesa do ego que pode obstruir a manifestação do inconsciente. Mas agora precisamos de tempo para que o inconsciente se manifeste. Já reclamamos, mas agora, o que vamos fazer com isso?

Estamos em uma situação em que as pessoas estão buscando modelos para ajudar a passar por isso. No entanto, os modelos que estão sendo buscados não parecem ser suficientes. As pessoas buscam formas de entender o que está acontecendo, aplicando modelos de situações que não são semelhantes à nossa. Não temos um cenário similar ao que estamos enfrentando agora. Então, acho que precisamos de um tempo em



que as pessoas experimentem esses modelos até perceberem que eles não são adequados. E quando perceberem, talvez seja pela força do real que insiste em se apresentar.

Estou vendo muitas ofertas de cursos de capacitação para usar recursos digitais, mas calma. A oferta de capacitação não é a solução. Talvez precisemos aprender a usar alguns recursos que ainda não conhecemos, mas não apenas por meio de uma capacitação formal. Precisamos perguntar: "Você usa isso? Como é que se usa isso? Como você acha que isso poderia ser usado para ensinar e aprender?"

Outro ponto importante: precisamos pensar também na dimensão do contrato de trabalho do professor. Este é um ponto relevante para outros profissionais que também estão passando por um processo de reinvenção. Eu não posso simplesmente me reinventar como profissional de uma hora para outra. Meu contrato de trabalho é para fazer algumas coisas, e não outras. Precisamos reconstruir essa estrutura.

Agora, com todos esses desafios, vamos precisar aprender a estabelecer alguns limites, que ainda não sabemos bem como fazer. Como funcionária da universidade, há coisas que, enquanto funcionária, são importantes para delimitar. Mas há outras coisas, como estar aqui com vocês agora, que são escolhas que faço.

Estamos diante de situações inéditas de trabalho, mas acho que algumas coisas ainda precisam ser preservadas, como a segurança e a saúde mental do trabalhador. Não podemos exigir demais dos professores. Muitas vezes, o professor já é pressionado a fazer mais do que pode por amor ao trabalho, e isso é um problema. É preciso pensar em formas justas de remuneração e valorização do profissional da educação. Não podemos

normalizar a situação de professores que estão com o salário atrasado, por exemplo. É uma questão complexa que precisa ser discutida.

Sem dúvida, não podemos ser professores sem uma metodologia, não é? Precisamos de um método de trabalho. Mas a minha provocação é a seguinte: o método é derivado de uma posição mais subjetiva. Em outras palavras, eu posso aprender vários métodos e técnicas, mas se a técnica ou método que escolhi usar não se sintoniza com a minha posição subjetiva, o risco de não favorecer um processo de ensino-aprendizagem é muito grande.

Isso também questiona a noção de que algumas didáticas são melhores que outras. Recentemente, a pedagogia tem discutido algo que já não gostava na psicologia: as metodologias didáticas baseadas em evidências. Para mim, é um problema quando isso se torna algo externo à relação professor-aluno. A ideia de que, se funciona para a turma do Daniel, também vai funcionar para a turma da Simone, ou que se a Simone aplica esse método com todas as turmas vai funcionar igual, é simplista. Isso não leva em conta que a técnica e a metodologia precisam estar encarnadas em uma pessoa.

Nesse sentido, a metodologia e a técnica têm que passar pelo professor, o professor precisa metabolizá-las. Sobre esse aspecto, Piaget (1993) nos brinda com uma ideia muito interessante: segundo esse autor, é preciso que as reformas educacionais e a apropriação teórica à respeito de conceitos sobre a aprendizagem e a psicologia infantil, por exemplo, precisam ser acompanhadas de uma incorporação e uma tradução próprias e singulares por parte dos professores. Caso contrário, toda reforma e conhecimento podem passar incólumes à prática docente. É como uma metáfora alimentar: temos que ingerir isso e transformá-lo em outra coisa.

Concordo quando dizem que nem todos se sentem bem sendo atletas profissionais, administradores, psicólogos, médicos e nem todos vão se sentir bem sendo professores. Há uma ilusão de que basta saber para ensinar. Por exemplo, o fato de eu saber ler e escrever não me garante a habilidade de alfabetizar uma criança. Temos professores que são excelentes pesquisadores, mas como professores, não posicionam-se tão bem nesse lugar de ensino. Além disso, nem todos os professores serão ideais para todos os alunos.

Quando comecei a trabalhar, enfrentei o desafio de manter os alunos na sala de aula. Eu me sentia angustiada quando as pessoas iam embora. Conversei sobre isso com uma colega que tinha sido minha professora e ela me disse algo que me tranquilizou: "Você nunca vai conseguir estabelecer transferência com todo mundo". Isso me fez perceber que os alunos podem ter outras razões para ir embora além de não gostar da minha aula. Também me fez aceitar que nem todos vão gostar da minha aula ou do que estou ministrando.

Ser professor é difícil, e uma das coisas mais difíceis de aprender é que não conseguiremos estabelecer um vínculo com todo mundo e não precisamos. Em uma formação acadêmica, nem todos os alunos vão se identificar com a psicanálise, eles podem se identificar com a terapia cognitivo-comportamental ou outras teorias. E está tudo bem.

Há uma pressão social para que o professor tenha todas as respostas, o que é injusto e não realista. Acredito que chegar ao ponto de poder dizer "não sei" para uma turma é um grande avanço. Ser professor é um processo de construção contínua. Não somos professores hoje da mesma forma que fomos ontem. Isso implica pensar que nos tornamos professores também pela forma como o aluno nos vê ou não nesse lugar.

Para sermos professores, precisamos dos alunos e, a partir do feedback dos alunos, constituímos nossa própria abordagem pedagógica. Claro, professores no início de suas carreiras tendem a se apegar a metodologias pré-definidas, pois ainda estão aprendendo o ofício. É semelhante ao processo de aprender a conduzir uma entrevista em psicologia. No começo, seguimos rigidamente um roteiro de perguntas e nem sempre prestamos atenção suficiente às respostas.

Vocês trazem a questão do engajamento. Que a presencialidade garantiria e o ensino remoto não. Penso que não podemos perder de vista que existem diferenças substanciais entre esses modos de ensino, mas acredito que a questão está em evitar a dicotomia. Por exemplo, poderia entrar nesta conferência, deixar meu nome visível, mas desligar meu microfone e até mesmo não estar realmente ouvindo. Na verdade, poderia até começar a assistir Netflix. Assim como na sala de aula presencial, eu poderia estar fisicamente presente, mas mentalmente em outro lugar. Então, a presença física ou virtual por si só não garante engajamento.

Às vezes, a presença física pode ser enganosa. Por exemplo, um aluno pode faltar a uma aula, mas conversar com um colega sobre o conteúdo, ler o material e depois participar da próxima aula como se tivesse estado presente na anterior. O mesmo pode acontecer no ambiente virtual. Acho que o principal é que existem diferenças e singularidades entre os ambientes físico e virtual, mas não vejo isso como uma cisão. Na sala de aula física, também podemos usar recursos digitais, e no ambiente virtual, podemos nos tornar "fisicamente" presentes ao ligar a câmera, ao comentar ou perguntar algo no chat.

Quando investigamos algo, precisamos fazer recortes e deixar algumas coisas de lado, mas a realidade é complexa e interligada. Nossa análise é limitada pelo âmbito da nossa pergunta de pesquisa. Por exemplo, se estou questionando o que significa ser um professor, não posso ignorar a posição do aluno, seja em um ambiente físico ou virtual. Ouvindo vocês nesta reunião, fiquei pensando que tudo isso que vocês trazem para a conversa está relacionado, produz outras tantas ramificações da discussão. É como se estivéssemos pensando em diferentes artigos derivados de vários tópicos que se inter-relacionam, mas partem de diferentes perguntas. Que possamos seguir perguntando!

#### Referências

- BECKER, F. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- DE LA TAILLE, Y., OLIVEIRA, M. K., DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- DUNKER, C. Paixão da ignorância: a escuta entre psicanálise e educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- FERNÁNDEZ, A. A mulher escondida na professora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- JERUSALINSKY, A. Psicanálise e Desenvolvimento Infantil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- LAJONQUIÈRE, L. Dos "erros" e em especial daquele de renunciar à educação: Notas sobre psicanálise e educação. Estilos clin., São Paulo , v. 2, n. 2, p. 27-43, 1997 .
- PIAGET, J. Psicologia e pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.